

DOI 10.21680/1517-7874.2018v20n2ID14793

## FORMAS ALTERNANTES DO PRESENTE DO SUBJUNTIVO ALTERNATIVE FORMS IN PRESENT SUBJUNCTIVE

Carla Maria cunha – UFRN<sup>1</sup>Mônica Alves Bezerra Alencar –UFRN<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo identificar e analisar o uso corrente de formas verbais em enunciados nos quais a expectativa de uso seria de formas do presente do subjuntivo, mas, efetivamente, acabam sendo produzidas outras formas morfológicas. Tal expectativa baseia-se na distinção dos modos, considerando que o indicativo mostra, em geral, posicionamento de certeza do falante em relação a seu dizer e o modo subjuntivo revela um posicionamento de incerteza. Limitamos nossa análise às formas verbais do indicativo e do subjuntivo no tempo presente. Os dados apresentados são todos registros de fala de indivíduos em situação não monitoradas, ou seja, são fragmentos de conversas espontâneas. Para quem tem uma expectativa de uso, nos enunciados da língua, de formas verbais ora no presente do indicativo, ora no presente do subjuntivo, a escuta de enunciados registrando o presente do indicativo, por exemplo, em substituição ao presente do subjuntivo chama a atenção. A troca, em alguns registros de fala, é respaldada pelo conteúdo semântico do verbo e/ou por formas adverbiais em coocorrência com o verbo no presente do indicativo. Mas não se limita a essas possibilidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Presente do subjuntivo; Formas alternantes do presente do subjuntivo; Morfologia; Sintaxe.

### ABSTRACT

This work aims to identify and analyze the current use of verbal forms in utterances in which the expectation of using would be of subjunctive present forms, but, in fact, other morphological forms end up being produced. Such expectation is based on the distinction of modes, considering that the indicative has shown, in general, certainty positioning of the speaker in relation to his/her saying and the subjunctive mode has revealed a positioning of uncertainty. We limit our analysis to the verbal forms, indicative and the subjunctive in the present tense. Data presented are all speech records of individuals in unmonitored situations, that is, fragments of spontaneous conversations. For those who have an expectation of using, in the utterances of the language, in verbal forms sometimes in the present indicative or present subjunctive, listening to statements recording the present indicative, for example, rather than of the present subjunctive has drawn attention. The exchange, in some speech registers, is supported by the semantic content of the verb and/or by adverbial forms in co-occurrence with the verb in the present indicative of utterance. But it is not limited to these possibilities.

**KEYWORDS:** Present subjunctive; Alternating forms of the present subjunctive; Morphology; syntax.

---

<sup>1</sup> Professora Dra. do Departamento de Letras da UFRN [cmcunha63@gmail.com](mailto:cmcunha63@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Letras pela UFRN [moniinhaalves\\_cp2@hotmail.com](mailto:moniinhaalves_cp2@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

A morfologia flexional dos verbos no português apresenta o morfema cumulativo modo-temporal seguido do outro morfema cumulativo número-pessoal. Em nossa análise, vamos nos ater à perspectiva de uso de formas verbais no presente do subjuntivo que não se confirma e, em seu lugar, é produzido um verbo no presente do indicativo.

A troca de uso do modo subjuntivo pelo indicativo chamou nossa atenção a partir da escuta de falas espontâneas do português do Brasil (PB). Falas de pessoas adultas, com níveis sócio-culturais diversos, como estudantes universitários, apresentadores de televisão (com formação universitária), trabalhadores de serviços gerais (com nível de escolaridade no máximo médio), políticos, etc.; pessoas tanto do gênero masculino quanto feminino; indivíduos de pontos geográficos diferentes (por exemplo, do RN e de SP), ou seja, os recortes de fala focalizados relacionam-se a uma gama variada de perfis sócio-culturais. Então, a motivação para o desenvolvimento desta pesquisa partiu da observação das ocorrências alternantes do presente do subjuntivo na fala espontânea de indivíduos adultos.

Como, em nossa análise, o tratamento aplicado aos dados é preponderantemente descritivo-qualitativo, a remissão a quem produz as ocorrências alternantes do subjuntivo serve como uma indicação de que tais ocorrências do PB são produzidas por adultos (por quem já tem o sistema internalizado), em situações formais e informais (como, respectivamente, uma reunião de trabalho e uma conversa entre amigos) e não estão limitadas à produção de fala de indivíduos com baixo nível de escolaridade.

Atentando para a produção de fala espontânea dos indivíduos, percebemos que tem se tornado bem evidente o desuso de formas verbais no subjuntivo. Chamamos de formas alternantes do presente do subjuntivo o uso do presente do indicativo, o teor semântico do verbo que já aponta um posicionamento de incerteza, de dúvida do falante em relação ao que enuncia e o uso de forma adverbial que também leva a essa interpretação em conjunto com o verbo. Ainda elencamos como formas alternantes do subjuntivo as ocorrências de formas verbais irregulares que sofrem mudanças em sua apresentação, ou seja, não se configuram com as representações morfológicas formais em sua totalidade, no entanto, sinalizam efetivamente característica de modo subjuntivo por seu radical típico.

Além de sua característica de determinar o posicionamento de certeza ou de incerteza do falante em relação ao seu dizer, a oposição entre os modos indicativo e subjuntivo pode ser estabelecida pelo fato de um verbo no subjuntivo estar mais atrelado a uma relação de subordinação entre orações do que um verbo no indicativo. Dentre os limites dos modos indicativo e subjuntivo que são desconstruídos com o uso de formas alternantes, a perda do subjuntivo como forma marcada em relação à sua participação em orações subordinadas indica bem um enfraquecimento de sua aplicação nos enunciados. Destacamos tal enfraquecimento por considerarmos que, do ponto de vista semântico, a língua encontra mecanismos linguísticos que preservam características relacionadas ao subjuntivo, como o sentido do próprio verbo selecionado pelo falante ou a escolha feita de certos advérbios. No entanto, ao ser aplicado o indicativo no lugar do subjuntivo que ali se colocaria, sobretudo pelo estabelecimento da relação de subordinação oracional, há a perda formal entre indicativo e subjuntivo. O indicativo passa então a preencher as funções antes de responsabilidade do subjuntivo.

### 1 Características formais do presente do subjuntivo

O modo, em um paradigma verbal, reflete a perspectiva assumida pelo falante em relação ao seu dizer. Sendo assim, o modo indicativo imprime um teor de certeza, de realidade ao dizer de um falante. O modo subjuntivo, porém, imprime a incerteza, o teor de possibilidade ao conteúdo de uma forma verbal. Mattoso Camara Jr. (1992, p.98) menciona que

não há como difundir o tempo verbal e o modo. Aquele se refere ao momento da ocorrência do processo, visto do momento da comunicação. Este a um julgamento implícito do falante a respeito da natureza, subjetiva ou não, da comunicação que faz. Não obstante, é comum em português, como nas línguas em geral, um emprego modal dos tempos verbais.

Esta pesquisa tem a proposta de refletir sobre as ocorrências formais e alternantes de representação do modo-temporal presente do subjuntivo, a partir de dados obtidos de registros de fala não monitorada, em contextos reais de produção. A delimitação feita abarca o tempo presente do indicativo e do subjuntivo. O indicativo, neste caso, sendo visto como uma possibilidade alternante do subjuntivo. Além do uso do presente do indicativo como forma alternante do presente do subjuntivo, outros mecanismos linguísticos apresentam-se como formas alternantes desse modo-temporal, a exemplo do próprio conteúdo semântico do verbo e da coocorrência dos verbos com certos termos adverbiais.

O subjuntivo, formalmente, tem como uma de suas características marcantes a dependência sintática. O verbo no subjuntivo, muitas vezes, estabelece sentido se, como núcleo do predicado de uma oração subordinada, integrar uma oração complexa tida como principal.

A dependência sintática, embora seja típica do modo subjuntivo, a ele não se limita. Orações subordinadas também podem ter por núcleo de predicado verbos no modo indicativo. Enfim, tanto verbos flexionados no modo indicativo quanto no subjuntivo podem integrar orações subordinadas, no entanto, verbos no modo subjuntivo têm sua realização recorrente em orações subordinadas. Diante disso, aplica-se ao subjuntivo a concepção de forma marcada e, ao indicativo, de forma não marcada. Talvez, pelo fato de ser uma forma não marcada, o indicativo esteja ampliando sua área de ocorrência.

Mateus *et alii* (1983, p.149-150) mencionam que o “ modo INDICATIVO [...] é o menos marcado quanto à expressão da atitude ou da relação que se estabelece entre locutor, alocutário e universo de referência. É por isso que ocorre normalmente em frases simples e na oração subordinante de frases complexas factuais.”

Ainda segundo Mateus *et alii* (1983), o modo indicativo é obrigatoriamente registrado em

- oração subordinada cujo verbo da principal tem por referência a “modalidade necessária” depreendida pelo uso de verbos estativos (a exemplo de *parecer*), ou declarativos (a exemplo de *garantir*), ou de atividade mental (a exemplo de *achar*), ou perceptivos (a exemplo de *sentir*);
- em orações coordenadas, quando a primeira elencada apresenta o verbo no indicativo;
- em interrogativa indireta formada por oração complexa cujo verbo da principal é de inquirição.

Continuando na perspectiva de Mateus *et alii* (1983), o modo subjuntivo pode ser registrado em

- estruturas complexas de coordenação e de subordinação que expressem condição.

E, de forma obrigatória, é registrado

- em oração subordinada cujo predicador da principal é avaliativo (a exemplo de *surpreender*), ou volitivo (a exemplo de *desejar*) ou constituído por uma modalidade lexicalizada (a exemplo de *ser necessário*);

- em oração subordinada cujo predicador da principal é relativo a uma atividade mental correspondente à modalidade possível ou contingente – as autoras, inclusive, apresentam exemplos mostrando a oposição entre o possível e o necessário, respectivamente: “Eu acredito que ele venha.” / “Eu acredito que ele vem.”
- em predicado de construção causativa;
- em oração subordinada cuja principal contém uma negativa explícita ou lexicalizada.

Para Mateus *et alii* (1983), a oposição entre os modos indicativo e subjuntivo envolve a relação entre locutor e estados de coisas. O modo indicativo refere-se a um estado de coisas visto pelo locutor como necessário ou como de elevado grau de probabilidade, enquanto o modo subjuntivo refere-se a um estado de coisas visto pelo locutor como possível ou como contingente.

Com o dado 01. *Ela não desconfia de nada, a não ser que você fica aí falando*, é possível observar o caráter de condicionalidade estabelecido entre a principal e sua respectiva subordinada. Mateus *et alii* (1983, p. 457) afirmam que:

As construções que contêm as causais, condicionais e conclusivas estão integradas num grupo mais lato de construções CONDICIONAIS, porque todas elas exprimem uma dependência semântica entre proposições, ainda que do ponto de vista sintático e semântico, cada uma das construções possa apresentar aspectos particulares.

Ainda que, aplicando a interpretação de Mateus *et alii* (1983), o dado 1 contenha uma construção condicional, cuja característica é de atrair o uso do subjuntivo, o falante fez uso do verbo no indicativo. O arrefecimento observado do uso do subjuntivo conduz, conseqüentemente, à perda da oposição – pela morfologia modo-temporal – do teor de certeza e de incerteza dado pelos modos indicativo e subjuntivo, respectivamente.

A perda dessa oposição pode ser vista por alguns como um empobrecimento da língua. Outros podem argumentar que não há perdas, há variações ou indicação de prováveis mudanças. O posicionamento do falante em relação ao seu dizer é compreensível por outros elementos linguísticos que compõem o enunciado ou ainda pelo próprio conteúdo semântico do verbo; a exemplo do verbo *supor* em relação ao verbo *afirmar*. Ainda que formalmente espere-se que o verbo *supor*, ao integrar uma oração complexa envolvendo principal e subordinada, selecione o verbo da subordinada no subjuntivo, tem se tornado corriqueiro o uso do indicativo como em 02. *Suponho que ele vem*. Mesmo que o modo subjuntivo não tenha sido usado no referido enunciado, o posicionamento de incerteza do falante transparece por uma das possibilidades de sentido do verbo, núcleo do predicado, da oração principal<sup>3</sup>. Sentido que faz relação com o hipotético, com o possível. O conteúdo semântico de palavras nominais e verbais pode por si mesmo preencher o teor de incerteza, de possibilidade, de desejo, etc. que seria dado pelo verbo flexionado no modo subjuntivo, a exemplo de 03. *A previsão é de que a chuva continua*; 04. *Espera que a*

<sup>3</sup> Entrada do verbo **supor** cujo verbete encontra-se no Dicionário eletrônico Houaiss.  
transitivo direto

1 admitir hipoteticamente

Ex.: *suponhamos que seja verdade o que ele afirma*

transitivo direto predicativo e pronominal

2 considerar(-se), julgar(-se), achar(-se)

Exs.: *supunha estar no caminho certo*

*supunha-o doente*

*s.-se civilizado não é ser civilizado*

outra pessoa está entendendo tudo; 05. Você *quer* que eu falo para ele? Por as formas em destaque nas orações complexas já, de certa forma, registrarem um posicionamento do falante sobre seu dizer, o presente do subjuntivo cede seu lugar a formas do presente do indicativo. Pelo viés da aplicação formal, uma das razões para a aplicação do subjuntivo é o conteúdo semântico das formas verbais e adverbiais de incerteza, de possibilidade, etc. Os registros dos falantes estão apontando, no entanto, que é exatamente o conteúdo dessas formas que os desobriga do uso do subjuntivo. O sistema, pelo mesmo paradigma de conteúdo semântico dos termos, mostra um funcionamento diferenciado, um sendo de reforço de uma informação já dada; o outro indicando a preferência pela não redundância.

Castilho (2010) relaciona o uso de verbo no indicativo, em subordinada substantiva, em coocorrência com verbo de oração principal declarativo, a exemplo do verbo *afirmar*. Senão, ele entende que há de se aplicar o verbo no modo subjuntivo. Nesse caso, privilegia-se, de certa maneira, o uso do subjuntivo atrelado à relação entre oração principal e oração subordinada.

Certas representações de advérbios ou locuções adverbiais podem contribuir também para o uso de verbos no modo subjuntivo. Isso está de acordo com o estabelecido pela norma gramatical. Por outro lado, a presença de certos advérbios acaba, no uso cotidiano da língua, retirando a obrigatoriedade da forma verbal no subjuntivo porque o próprio conteúdo semântico do advérbio já explicita o posicionamento do falante em relação ao seu dizer. Entra em funcionamento um bloqueio da redundância e não um reforço ao já dito.

Em uma perspectiva da gramática tradicional, a presença, em um enunciado, de advérbios como *talvez*, *possivelmente*, *quicá*, seleciona o registro de uma forma verbal no subjuntivo, uma vez que tais advérbios reportam-se a posicionamentos de incerteza, de dúvida, de probabilidade. Ainda que integrem orações simples, o uso desses advérbios, pela norma gramatical, acaba por selecionar verbos no modo subjuntivo. Tais coocorrências podem também ser compreendidas a partir da relação entre termos regente e regido, determinado e determinante. Por um viés, a coocorrência desses tipos de advérbios com verbos no subjuntivo mostra convergência no posicionamento do falante em relação ao seu dizer; por outro viés – quando o falante mostra sua incerteza, sua dúvida em relação ao que está dizendo, marcando esses posicionamentos por meio das formas adverbiais e/ou por meio do sentido do verbo –, ele pode estar fazendo outras escolhas linguísticas possíveis, dadas pelo próprio sistema.

Para Almeida (2008) o subjuntivo é empregado em oração cuja principal apresenta

- verbo volitivo;
- verbo relacionado a sentimento; ou
- verbo ou expressão indicativa de dúvida.

Ainda segundo Almeida, as subordinadas empregam o subjuntivo, quando

- expressam eventualidade;
- denotam incerteza, mera probabilidade;
- vêm encabeçadas por expressões conjuntivas, a exemplo de para que, porque e a fim de que;
- envolvem condição;
- atrelam-se a um certo momento/tempo com ideia de eventualidade, de suposição;
- envolvem concessão; ou
- expressam consequência vista como um objetivo a conquistar.

O gramático deixa, por outro lado, bem claro que a subordinada, caso seja atrelada a verbo com teor de declaração, apresenta verbo no modo indicativo. Considera para tanto o valor de real ao que é emitido pela forma verbal da oração subordinada.

Para Perini (2010), um verbo produzido em uma oração subordinada tem seu modo governado por um elemento pertencente à oração principal. Este elemento pode se tratar de um verbo, uma preposição, uma conjunção ou um nome. Considerando o ponto de vista formal, o autor, embora comente sobre a vagueza das designações, também aplica ao subjuntivo os princípios de *persuasão*, *incerteza* e *emoção*. Menciona que os três sentidos são aplicados “aos casos em que um verbo subordinado é governado por um verbo ou nominal na oração principal, com a conjunção *que*”. (PERINI, 2010, p. 196-197)

A partir dos três princípios mencionados, Perini (2010, p.197-199) traz à discussão as regras:

- Qualquer propósito, intenção ou desejo por parte do Agente de um verbo ou nominal da oração principal de influenciar o comportamento do sujeito do verbo subordinado acarreta o uso do subjuntivo [ou do infinitivo].
- Quando o verbo ou nominal principal expressa incerteza, dúvida ou negação por parte do Agente da oração principal a respeito dos eventos descritos na subordinada, esta deve ter o verbo no subjuntivo.
- Quando o verbo ou nominal principal expressa uma emoção do Agente, a subordinada deve ficar no subjuntivo.

A primeira regra elencada diz respeito ao uso do subjuntivo que se reporta à persuasão. Revela a intenção de um indivíduo comandar outro indivíduo ou algo. Em nosso *corpus*, há dados ilustrativos da aplicação frustrada dessa regra, visto que foram aplicadas formas alternantes como o sentido do verbo selecionado na principal e o modo indicativo na subordinada.

05. Você *quer* que eu *falo* para ele?
06. *Quer* que eu te *conto*?
07. A mãe não *quer* que ele *sai* de perto.
08. *Espera* que a outra pessoa *está* entendendo tudo.
09. *Tomara* que o ônibus não *demora*.

A segunda regra elencada faz menção a uma característica bem propagada do uso do subjuntivo: sua aplicação em subordinada cuja principal tenha um elemento com teor de incerteza ou negação. Ainda que seja uma regra, em geral, bem difundida, sua aplicação também foi frustrada em nossos dados. Houve a substituição pelo uso de formas alternantes, a exemplo de:

01. Ela *não* desconfia de nada, a não ser que você *fica* aí falando.
10. Ele (o jacaré) *não* gosta muito que *mexe* nele.
11. A comida de tia N., *não* tem quem não *gosta*.
12. O Brasil *não* vai voltar a funcionar, sem que nós *decidimos* esse processo.
13. *Não* é que eu não *sei* me comportar.

A aplicação do indicativo, em substituição ao subjuntivo, com relação à presença de forma negativa na oração principal, chama a atenção por sua forma alternante – que é o próprio uso do indicativo – não estar atrelada à outra forma alternante como o sentido do verbo da principal ou algum advérbio que aponte possibilidade, incerteza, por exemplo. O uso do subjuntivo em subordinada, em decorrência de palavra de conteúdo negativo na principal, parece mais atrelado à constituição formal da língua, conseqüentemente, está

menos atrelado ao conteúdo semântico. E, mesmo assim, o indicativo é aplicado, em uma clara manifestação da quebra da oposição entre os modos, na qual o indicativo subsiste.

A terceira regra elencada traz à tona o uso do subjuntivo nas subordinadas correspondente a formas de expressão de desejo nas principais. Também é uma regra bem propagada, mas não aplicada. Resquício do funcionamento do subjuntivo é perceptível pelo verbo no indicativo atrelado ao teor de desejo do próprio verbo e/ou de outros termos da oração principal.

14. Eu só *quero* que a senhora sabe que pode confiar em mim.

15. *Quero* que você muda seu pensamento.

09. *Tomara* que o ônibus não demora.

## 2 Hipóteses relativas ao uso de formas alternantes do presente do subjuntivo

A princípio, são levantadas quatro hipóteses para as ocorrências das formas substitutas do presente do subjuntivo:

1. O falante produz o presente do indicativo como substituto do presente do subjuntivo, anulando, assim, a distinção estabelecida entre eles.

2. O falante faz, em parte, uso da morfologia do presente do subjuntivo. Mantém o radical esperado, mas a vogal que se apresenta logo após o radical – corresponde à vogal temática formal da conjugação – pode estar exercendo a função do modo-temporal (caso de *gosta, seje*).

3. O falante, ao fazer uso de alguns verbos irregulares para produzir o subjuntivo, mantém o radical esperado para tal modo, mas aplica a morfologia modo-temporal corrente nos verbos regulares (caso de *esteje*).

4. O falante, ao fazer uso de alguns verbos irregulares para produzir o subjuntivo, aplica o radical típico do presente do subjuntivo, no entanto, a vogal que se apresenta após o radical não corresponde ao morfema modo-temporal esperado. Interpreta-se, então, que haja um representante vocálico único para as três conjugações. Nesse caso, a vogal produzida logo após o radical é compreendida como morfema modo-temporal (caso de *esteje, seje*).

## 3 Análise de dados

Nossa pretensão é apresentar uma descrição das formas alternantes do presente do subjuntivo decorrente de recortes de fala de indivíduos em interação verbal com outro(s).

Em relação à primeira hipótese – *o falante produz o presente do indicativo como substituto do presente do subjuntivo, anulando, assim, a distinção estabelecida entre eles* – o modo subjuntivo deixa de ser o mecanismo verbal típico de caracterizar posicionamentos do falante nos enunciados que remetem à incerteza, a desejo, a algo irreal. Logo, o modo indicativo que, por sua parte, indica o posicionamento do falante em relação ao seu dizer como algo certo, real, corriqueiro, também sofre alteração. O falante, ao substituir o presente do subjuntivo pelo presente do indicativo, anula a diferença existente entre esses modos. Quando o falante quer expressar algo que deseja que aconteça, a exemplo de *Tomara que o ônibus não demore* – que atende ao estabelecido pela gramática normativa – tem por correspondente 09. *Tomara que o ônibus não demora* – que é produzido efetivamente por um falante.

Percebe-se que, na produção alternativa do presente do subjuntivo em 09. *Tomara que o ônibus não demora*, o falante conjugou o verbo no número-pessoal esperado (terceira pessoa do singular), mas no modo, inesperado, do presente do indicativo. Essa troca de um modo pelo outro, em enunciados como esse, acarreta na anulação de diferenças entre os dois modos.

Essa troca pode ser compreendida a partir da formação das conjugações verbais. Nessa perspectiva, entende-se o presente do indicativo como verbo primitivo e o presente do subjuntivo como uma das formas derivadas desse modo-temporal. Para Cunha e Cintra (2008, p.404), o subjuntivo é formado pelo

radical da 1ª pessoa do presente do indicativo substituindo-se a desinência -o pelas flexões próprias do presente do subjuntivo: -e, -es, -e, -emos, -eis, -em, nos verbos da 1ª conjugação; : -a, -as, -a, -amos, -áis, -am, nos verbos da 2ª e 3ª conjugação.

Dessa maneira, observa-se uma relação formal e hierárquica entre esses modos, com o indicativo sendo sobreposto ao subjuntivo. Sobre o presente do indicativo é bom ressaltar, para a análise que se quer estabelecer, que, apenas na 1ª pessoa do singular, a vogal temática não se apresenta, em decorrência da regra morfofonológica que determina que, em junção morfológica na qual um morfema termina em vogal e o outro inicia por vogal, a primeira vogal da sequência sofre queda estando em sílaba átona. No caso de 09. *Tomara* que o ônibus não *demora*, seguindo essa interpretação, pode-se aplicar ao {-a}, logo após o radical, a função de vogal temática e não a de morfema modo-temporal, lembrando que o modo-temporal presente do indicativo é representado pelo morfema Ø (zero).

O entendimento de que os falantes produzem, em certos contextos linguísticos, o presente do indicativo como uma forma alternante do presente do subjuntivo decorre de elementos formais constituintes dos enunciados produzidos pelos falantes. Esses elementos formais são reveladores de incerteza, de dúvida, de desejo, a exemplo de *talvez*, *tomara*, *quero*, no entanto, estão inseridos em enunciados com verbos no presente do indicativo:

Expressão de incerteza, de dúvida:

16. É *talvez* a coisa mais perigosa que existe.  
17. *Talvez* tudo isso pode piorar a situação.

Expressão de desejo:

09. *Tomara* que o ônibus não demora.  
18. *Quero* que todo mundo aparece nessa foto.  
19. *Quer* que eu tiro o cabelo?  
07. A mãe não *quer* que ele sai de perto.

A interpretação de mudança sonora que atinge primeiramente palavras de uso mais frequente (BYBEE, 2007 *apud* BITTENCOURT, 2012) pode ser aplicada, nesse caso, à troca das formas do subjuntivo pelas do indicativo, sobretudo, dos verbos mais recorrentes nas conversas diárias. Verbos irregulares também são atingidos por essa mudança, se comparado o uso dos irregulares mais frequentes com o uso dos irregulares menos frequentes. Verbos como *ter* e *ser*, mesmo quando produzidos com uma forma alternante no subjuntivo, ainda preservam mais característica formais do subjuntivo do que verbos regulares em suas formas alternantes, por exemplo<sup>4</sup>. Por tais verbos irregulares serem produzidos com mais frequência de que outros verbos irregulares, eles acabam apresentando mudanças mais visíveis nas formas do subjuntivo. A interpretação da mudança sonora indica que formas de uso mais frequente estão sujeitas a mais mudanças sonoras do que as de uso menos frequente. Quer dizer que quanto mais uma forma for utilizada mais ela corre o risco de ter sua forma padrão modificada.

<sup>4</sup> É bom lembrar que, na comparação das formas regulares, do presente do indicativo e do presente do subjuntivo, há convergência das formas morfológicas referentes ao radical e aos número-pessoais (excluindo-se a 1ª pessoa do singular). Em contraponto, distinguem-se no que diz respeito ao modo-temporal e à vogal temática.

Para Bybee (1985 *apud* BITTENCOURT, 2012), a maior frequência de uso das palavras influi na sua autonomia. Isso quer dizer que palavras de uso menos frequente tendem a sofrer mais mudanças – por exemplo, mudança por analogia – do que palavras de uso mais frequente. Essa hipótese sugere que palavras mais presentes na fala dos indivíduos tendem a fixar-se em sua memória, ficando, assim, mais resistente às mudanças por analogia. As formas alternantes do subjuntivo podem envolver mudança sonora e mudança por analogia. A primeira mudança atinge verbos mais usados pelos falantes, enquanto a segunda abrange verbos menos usuais no cotidiano dos falantes.

O caso da forma alternante *seje*<sup>5</sup> é típico de uma mudança sonora em comparação com a forma da gramática *seja*. A mudança sonora de /α/ – foneticamente [α] – para /ε/ – foneticamente [ɛ] – pode ser interpretada como uma manifestação da prevalência da marca da vogal temática da 2ª conjugação sobre a morfologia modo-temporal presente do subjuntivo. Ou ainda é possível entender o {-e} que aparece em *seje* como uma forma modo-temporal correspondente ao {-e} de verbos da 1ª conjugação. Nesse caso, a representação modo-temporal presente do subjuntivo dos verbos da 1ª conjugação seria vista como a forma não marcada, a que estende suas fronteiras de uso para outras conjugações. A morfologia modo-temporal presente do subjuntivo de verbos da 1ª conjugação seria, então, o paradigma de referência para as demais conjugações, ao se tratar da forma alternante relacionada à representação morfológica – no caso de ser aplicada a força do paradigma.

Sobre a força da regularidade do sistema, Bitencourt (2012), tratando sobre as variedades do modo subjuntivo, mostra a relação de variação entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal, dada a semelhança sonora existente entre essas formas verbais, no que se refere aos verbos regulares. Então, por analogia, os falantes tendem a aplicar essa mesma correspondência nos verbos irregulares. Regularizam, assim, os verbos irregulares, com isso, fazem uso do que formalmente corresponde ao infinitivo pessoal. As formas alternantes daí resultantes conduzem à anulação das diferenças entre formas regulares e irregulares, à perda da oposição entre modo-temporal futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado.

Em relação à segunda hipótese elencada – *o falante faz, em parte, uso da morfologia do presente do subjuntivo. Mantém o radical esperado, mas a vogal que se apresenta logo após o radical, corresponde à vogal temática formal da conjugação, pode estar exercendo a função do modo-temporal* – o entendimento é de que os falantes usam o presente do subjuntivo em suas produções, porém não da forma prevista. O falante mantém o radical do presente do subjuntivo e faz um ajuste na vogal logo após o radical. Na forma gramatical do presente do subjuntivo, essa vogal corresponde ao modo-temporal do verbo, sendo representada por {-e} em verbos da 1ª conjugação e por {-a} em verbos de 2ª e 3ª conjugações. Na forma alternante, observa-se que é a vogal típica de cada conjugação que se realiza na posição esperada para o modo-temporal e com isso acaba tendo o valor de modo-temporal.

A segunda hipótese foi levantada tendo em vista formações de verbos irregulares. Nessas formações, são nítidas as diferenças nos radicais do presente do indicativo e do presente do subjuntivo. Por meio dos radicais diferenciados, chega-se à interpretação de que são os radicais as formas demarcadoras resistentes da oposição indicativo e subjuntivo, enquanto outras são perdidas. A distinção entre representação de vogal temática e de modo-temporal arrefece-se. No enunciado 20. Talvez ele *seje* um pai que não cuida de seu filho, o radical esperado para o presente do subjuntivo foi aplicado, a vogal logo após o radical, no entanto, não é a marca esperada para o modo-temporal de verbos da 2ª

<sup>5</sup> A forma *seje*, com seu radical irregular, típico do modo-temporal presente do subjuntivo, assegura que o modo-temporal aplicado é esse mesmo. A divergência gramatical recai na representação de {-e} que seria, para essa conjugação, {-a}.

conjugação. Apesar de não ser a representação modo-temporal esperada, tem a forma típica da vogal temática da 2ª conjugação.

É considerando essas formações de verbos irregulares que se transfere essa interpretação para os verbos regulares e questiona-se se o que é tratado como uso efetivo do presente do indicativo, em substituição do presente do subjuntivo, não poderia ser visto como outra maneira de registrar o modo presente do subjuntivo. Em ocorrências como:

11. A comida de tia N., não tem quem não *gosta*.
21. É difícil uma pessoa que não *gosta* de pão de queijo.
22. A previsão é de que a chuva *continua*.
23. Até que *ajeita*, faz barulho.
24. Estou preocupada que esse buraco *chega* aqui.
01. Ela não desconfia de nada, a não ser que você *fica* aí falando.
10. Ele (o jacaré) não gosta muito que *mexe* nele.
25. Quem sabe agora ele *aprende*.

Os verbos *gostar*, *continuar*, *ajeitar*, *chegar*, *ficar*, *mexer* e *aprender* estão inseridos em orações complexas nas quais formalmente é esperado o uso do presente do subjuntivo, por serem enunciados cuja principal apresenta uma negativa e/ou cuja principal apresenta um conteúdo lexical correspondente à incerteza, à possibilidade.

No primeiro momento, a observação de tais enunciados leva a ver neles a aplicação do presente do indicativo como uma forma alternante, mas seria o caso de também aventar a possibilidade de ser o radical do subjuntivo seguido da vogal temática típica da conjugação de cada verbo, como estão caracterizadas as formas verbais nos enunciados elencados acima. Nessa perspectiva, o que se ganha é mostrar convergência entre representação morfológica de verbos regulares e irregulares (a exemplo de *mexe* e *seje*, respectivamente), mostrar que o presente do subjuntivo mantém, marcada morfológicamente, sua expressividade, ainda que a sua forma possa coincidir, nos verbos regulares, com a do presente do indicativo.

Verifica-se, então, que os falantes estão de alguma forma regularizando usos variáveis do modo subjuntivo, seja por fazer analogia com o modo indicativo, seja por apresentar convergência com características formais da conjugação do próprio verbo (repetição do tema verbal), seja por regularizar as formas irregulares. A forma alternante do presente do subjuntivo, foco principal desta pesquisa, envolve o caráter de regularização do sistema. Há, nesse sentido, uma hipótese de mudança no uso do modo presente do subjuntivo, já que alguns falantes estão regularizando seu uso por não conhecerem as formas irregulares dentro desse sistema.

No entanto, ocorrências com o verbo flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo, cuja vogal que aparece logo após o radical é representativa do número-pessoal, quando é esperado o registro do presente do subjuntivo, além de ocorrências de formações irregulares típicas do presente do indicativo ou bem diferenciadas das formas do subjuntivo, podem levar à desconsideração da convergência mencionada entre verbos regulares e irregulares, ou melhor, levar à desconsideração total da 2ª hipótese. Dados nos quais incidem verbos com morfologia claramente típica do indicativo presente conduzem à queda da 2ª hipótese:

17. Talvez tudo isso *pode* piorar a situação.
26. Não é que eu *gosto* de falar.
05. Você quer que eu *falo* para ele?
06. Quer que eu te *conto*?
07. A mãe não quer que ele *sai* de perto.
08. Espera que a outra pessoa *está* entendendo tudo.

27. Um amigo vai lhe ajudar a vender a casa, isso se não *vai* ser ele quem vai comprar a casa.

Se, em uma perspectiva, desfaz-se a hipótese de a forma alternante do presente do subjuntivo ser configurada pela sequência *radical + vogal típica de cada conjugação*, em outra perspectiva, assegura-se a hipótese de a forma alternante do presente do subjuntivo ser a do presente do indicativo. A confirmação desta hipótese conduz à perda da oposição formal entre os modo-temporais presente do indicativo e presente do subjuntivo.

Em relação à terceira hipótese – *o falante, ao fazer uso de alguns verbos irregulares para produzir o subjuntivo, mantém o radical esperado para o subjuntivo, mas aplica a morfologia modo-temporal corrente nos verbos regulares* –, a ocorrência como *esteje* leva à formulação de que o presente do subjuntivo é aplicado na forma de assunção do radical e que a vogal posicionada após o radical é o representante modo-temporal presente do subjuntivo, ainda que esteja em uma configuração formalmente inesperada. O representante morfológico formal da conjugação irregular é o {-a} e, na realização *esteje*, aparece o {-e}, que é bem aplicável nos verbos regulares da 1ª conjugação. Então a formação esperada atinge o radical, enquanto é inesperada a aplicação do {-e}, pelo fato de esse verbo de 1ª conjugação ter aí uma morfologia irregular. Neste caso, é possível aplicar a interpretação da força do paradigma do modo-temporal dos verbos regulares atuando sobre o paradigma dos verbos irregulares – esse caso, inclusive, mostra o embate de regularidade e irregularidade dentro da mesma conjugação.

Em relação à quarta hipótese – *o falante, ao fazer uso de alguns verbos irregulares para produzir o subjuntivo, aplica o radical típico do presente do subjuntivo, no entanto, a vogal que se apresenta após o radical não corresponde ao morfema modo-temporal esperado. Interpreta-se, então, que haja um representante vocálico único para as três conjugações. Nesse caso, a vogal produzida logo após o radical é compreendida como morfema modo-temporal* –, a consideração é de que formas alternantes como *esteje* e *seje* asseguram o reconhecimento do modo-temporal presente do subjuntivo via as formas típicas do radical e inovam, por outro lado, com o registro único, nas diferentes conjugações, desse morfema modo-temporal<sup>6</sup>. Por esse parâmetro, o representante específico do modo-temporal, em verbos irregulares, é o {-e}. Essa interpretação revela a predominância das formas regulares em relação às irregulares – tanto considerando verbos regulares e irregulares da mesma conjugação quanto irregulares de conjugações diferentes –, a predominância da morfologia típica da primeira conjugação em relação às outras – considerando que {-e}, gramaticalmente, apresenta-se nos verbos regulares de 1ª conjugação –, e a predominância da convergência entre as diferentes conjugações – considerando que {-e} é interpretado como morfema modo-temporal presente do subjuntivo, e não mais, nesses casos, como vogal temática.

Das quatro hipóteses levantadas, a segunda hipótese não se sustenta. A primeira hipótese tem se mostrado aplicável em falas menos monitoradas e as segunda e terceira complementam-se, na interpretação, e são convergentes no uso mais recorrente de formas verbais irregulares. Produções como *seje*, *esteje*, *veja*, inclusive, costumam ser produzidas por falantes em situações formais, como em reuniões de trabalho.

## PONDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise de vários enunciados nos quais se teria a perspectiva do uso formal do presente do subjuntivo e, entretanto, essa formalização não se efetiva, delineamos algumas ponderações para efetivos mecanismos linguísticos em substituição ao

---

<sup>6</sup> No que diz respeito à vogal que se apresenta após o radical, o {-e}, em *esteje*, agrega mais regularidade do que o {-e}, em *seje*. No primeiro caso, {-e} está em consonância com a morfologia do modo-temporal presente do subjuntivo aplicada a verbos regulares da 1ª conjugação. No segundo caso, não se pode fazer uma correspondência da representação alternante {-e} com a morfologia do modo-temporal aplicada aos verbos regulares da 2ª conjugação, representada por {-a}.

presente do subjuntivo e para possíveis decorrências da perda de oposição entre subjuntivo e indicativo.

Formas alternantes do subjuntivo conduzem a possibilidades de:

- perda morfológica da oposição indicativo *versus* subjuntivo, bem visível nos verbos regulares;
- manutenção da oposição ‘certeza’ *versus* ‘incerteza’ por meio da relação morfossintática;
- manutenção da oposição indicativo *versus* subjuntivo por meio da morfologia irregular do próprio radical do verbo e do representante diferenciado do modo-temporal;
- convergência morfológica modo-temporal – seguindo a formação regular da própria conjugação –, ainda que se trate, no caso, de um verbo irregular;
- convergência morfológica modo-temporal, ainda que os verbos sejam de conjugações distintas com representações morfológicas canonicamente distintas.

A discussão focalizada traz um indicativo de mudança de uso do subjuntivo formal por suas formas alternantes, considerando que:

- há a troca efetiva de formas regulares do subjuntivo pelas do indicativo. Esta ocorrência é bem sistematizada, visto que sua realização independe, inclusive, do sentido do verbo sinalizar teor de possibilidade, ou do verbo coocorrer com uma palavra indicativa de incerteza, de possibilidade;
- há a possibilidade, nos verbos irregulares, de manutenção do radical irregular associado, na sequência, a um morfema em forma vocálica de representação única, diferentemente da junção, no subjuntivo dos verbos regulares, dos morfemas radical + morfema modo-temporal (presente do subjuntivo, por exemplo, na forma {-e} para verbos de 1ª conjugação e na forma {-a} para verbos de 2ª e 3ª conjugações). Tal representação de forma alternante indica que há, no sistema, um embate entre formas regulares e irregulares; marcadas e não marcadas, promovendo, a partir da heterogeneidade, a seleção de formas convergentes. Se a forma alternante se manifesta por um radical irregular, o morfema seguinte unifica a representação de modo-temporal presente do subjuntivo aplicado a diferentes conjugações, a forma única {-e}, a exemplo de *esteje, seje e veja*.

## REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BITTENCOURT, Diana Liz Reis de. O uso do futuro do subjuntivo: *variação e frequência*. Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura. Ano VII, v.16, jul-dez de 2012. p. 117-130
- BYBEE, Joan. *Frequency of use and the organization of language*. New York: Oxford University Press, 2007.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês silva; FARIA, Isabel Hub. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

MATTOSE CAMARA JR., Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1992.  
PERINI, Mário Alberto. *Gramática do Português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

Submetido em 05/07/2018

Aceito em 24/10/2018